

Crônica sobre vida e morte: o que/como eu aprendi (d)aquilo que minhas amigas Tukano me mostraram do seu mundo

MELISSA SANTANA DE OLIVEIRA

Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil

melzita.oliveira@gmail.com

DOI 10.11606/issn.2316-9133.v29i1p225-246

resumo Nesta crônica revisito fragmentos de experiências vivenciadas ao longo de quinze anos de trabalho, pesquisa e amizade entre mulheres Tukano, Desana, Yeba, Tuyuka, Siriana, Bará e Tariano moradoras dos trechos médio e alto do rio Tiquié, um afluente do rio Uaupés, localizado na Terra Indígena Alto Rio Negro, no Noroeste Amazônico, buscando apresentar de forma livre e não linear, parte do que aprendi e como aprendi os conhecimentos que estas mulheres me mostraram sobre a vida e a morte.

palavras-chave vida, morte, conhecimento, mulheres indígenas, Tukano Orientais

Chronicles of life and death: what and how I learned with my Tukano girlfriends and their universe

abstract In this chronicle I revisit fragments of my experiences lived over fifteen years of work, research and friendship, among Tukano, Desana, Yeba, Tuyuka, Siriana, Bará and Tariano women, dwellers of the middle and upper stretches of the Tiquié River, a tributary of the Uaupés River, located in the Alto Rio Negro Indigenous Land, Northwest Amazon, seeking to present in a free and non-linear style, part of what I learned and how I learned the knowledge which these women showed me about life and death.

Keyword life, death, knowledge, indigenous women, Eastern Tukano

Crónicas de vida y muerte: qué y como he aprendido con mis amigas Tukano y su mundo

resumen En esta crónica, presento fragmentos de experiencias vividas al largo de quince años de trabajo, investigación y amistad junto a las mujeres Tukano, Desana, Yeba, Tuyuka, Siriana, Bará y Tiriano. Ellas vivían cerca el medio y alto río Tiquié, afluente del Vuapés, en el territorio indígena Alto Rio Negro, noroeste amazónico. De

forma libre y no lineal, mi interés es presentar lo que y el modo como he aprendido sobre la vida y la muerte con estas mujeres.

Palabras clave vida, muerte, mujeres indígenas, Tukano ocidental

Introdução¹

*Para Dulce Tenório Tuyuka
Para Higinio Tenório Tuyuka (in memoriam)
Para a mulher- estrela (in memoriam)*

Quando cheguei ao rio Negro, em 2005, e durante boa parte da minha atuação como assessora de associações e escolas indígenas como membro do Programa Rio Negro do Instituto Socioambiental (entre 2005 e 2010), meus primeiros e principais interlocutores² nas escolas e comunidades foram homens-capitães, coordenadores de associações, a maior parte dos professores e “conhecedores”. Essa situação revelava o protagonismo político masculino no movimento indígena entre os grupos Tukano³ Orientais na TI Alto Rio Negro, que vem sendo modificada nos últimos anos, com a eleição da primeira presidente mulher da FOIRN (Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro), o fortalecimento do Departamento de Mulheres Indígenas e de suas associações nas calhas de rio. Para acompanhar homens em minhas atividades de assessoria – participar de decisões metodológicas e de conteúdo e ter acesso a conhecimentos masculinos considerados importantes em um contexto de grupos exogâmicos patrilineares que transmitem em linha masculina conhecimentos, nomes e objetos (Hugh-Jones, S. 2009), eu assumia de certa forma uma postura masculina. Durante boa parte dos eventos eu

¹ Este artigo foi desenvolvido durante meu período como Visiting Fellow no departamento de Antropologia da London School of Economics (UK) como bolsista BEPE (Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior) /Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) -Processo 2019/20616-2.

² Agradeço de modo especial às mulheres, mas também aos homens mencionados ao longo desse artigo e a todas aquelas e aqueles que não serão aqui mencionadas e mencionados, mas que me receberam e me ensinaram com paciência e carinho em suas casas e comunidades no rio Tiquié. Também a meus amigos Aloisio, Pieter, Marcia, Julião e Dui com os quais compartilhei entre 2005 e 2010, a equipe de trabalho do Rio Tiquié, como parte do Programa Rio Negro do Instituto Socioambiental, período no qual grande parte dos relatos que compõem essa crônica estão baseados. Agradeço às organizadoras do Dossiê pelo convite e oportunidade de compô-lo e pela sensibilidade com a qual receberam meu material. Agradeço ao meu supervisor de Pós-doutorado, Geraldo Andrello, por me incentivar a mergulhar fundo na minha experiência etnográfica e desenvolver escritos que contemplem a sua profundidade. Esta crônica é parte do que venho experimentando neste exercício.

³ Refiro-me à família Tukano Oriental, composta por 19 grupos linguísticos que na maior parte correspondem a grupos de descendência exogâmicos: Tukano, Tuyuka, Kubeo, Desana, Uanana, Pira-Tapuya, Bará, Barasana, Makuna, Tatuyo, Taiwano, Karapanã, Siriano, Yuruti, Miriti-Tapuya, Arapaso, Letuama, Pisá-mira, Tanimuka (CABALZAR, A. 2008). Também fazem parte destas experiências uma mulher Tariano (grupo Arawak considerado Tukanizado).

me sentava perto dos homens, compartilhava com eles conversas e substâncias masculinas, como tabaco e *ipadu*.⁴

O fato é que eu transitava entre universos masculinos e femininos e em certa medida era considerada um ser andrógino, não obstante, homens e mulheres Tukano nunca deixaram de me mostrar, de uma maneira ou de outra, em quais ocasiões eu deveria me comportar de fato como mulher, impondo-me certos limites e me coagindo a posicionar no eixo feminino dessa Casa andrógina (HUGH-JONES, 1995): quando no dia a dia me convidavam a sentar do lado feminino das malocas ou centro comunitários e esperar junto às outras mulheres os homens comerem, para depois acessar a comida; quando homens e mulheres me elogiavam se eu me dispunha a acompanhar as mulheres em trabalho da roça e preparo de alimentos; quando me indicavam que por estar menstruada não deveria realizar certas atividades como caminhar no mato ou preparar comida; quando nas festas as mulheres me mostravam que deveria sentar ao lado das mulheres e com elas compartilhar cuias de caxiri e segredos; quando me ofereciam seus filhos solteiros em casamento; quando os homens se mostravam ansiosos para me tirar para dançar *cariço*⁵ ou *forró*, quando me representavam em suas “dramatizações” (performances teatrais) destacando minhas formas femininas; e, finalmente, quando através de encantações xamânicas, conforme me explicaram, me contemplaram concomitantemente com um *bahsese* (encantação xamânica) para obter um nome feminino clânico Tukano (nominação) e desenvolver um corpo apto para trabalhar na roça (primeira menstruação). Foi através dessa insistência de homens e mulheres em me atribuir um lugar predominantemente feminino e da minha participação mais intensa no cotidiano das escolas e comunidades que pude dar a devida importância a presença das mulheres e à sutileza dos aspectos femininos envolvidos em cada experiência.

Meu envolvimento no universo feminino se aprofundou quando a primeira turma de Ensino médio da escola Tuyuka foi criada e moradores das comunidades definiram entre as linhas de pesquisa uma chamada *Numia Padere* (cuja tradução literal seria “trabalhos das mulheres”). Essa era a única experiência como assessora em que minhas interlocutoras diretas e principais eram mulheres – jovens, adultas e velhas. A princípio fiquei intrigada com o nome de tal linha de pesquisa, que parecia reduzir os conhecimentos femininos à noção de trabalho. Com o decorrer do tempo pude observar aquilo que já fora observado de certa maneira entre povos Tukano Orientais (HUGH-JONES, C. 1979, HUGH-JONES, S. 1979; 2009; MAHECHA, 2004; CABALZAR, F. 2010), assim como entre Tukano Ocidentais (BELAUNDE, 2001), qual seja, trabalho, conhecimento, corpo, pessoa e gênero são conceitos estritamente relacionados. Através do xamanismo de nominação realizado após o nascimento e complexificado na iniciação masculina e na primeira menstruação feminina (cf. ANDRELLO, 2006), o xamã constrói o corpo da

⁴ Folhas de coca (*Erythroxylum coca*) torradas e pulverizadas.

⁵ *Cariço* é nome na língua Nheengatu atribuído concomitantemente ao tipo regional de flauta de pã/gênero musical/modalidade de dança de roda em pares chamados em Tukano Weeo(pã) e em Tuyuka Perurige.

pessoa dotando-a com pensamentos, conhecimentos, objetos e substâncias que o tornem apto a realizar certos tipos de trabalhos que são a própria expressão de existência da pessoa e de sua especificidade de gênero. Os tipos específicos de corpos femininos são também modelados pelo seguimento de conselhos proferidos pelas mulheres mais velhas (Pereira, 2013) que orientam as moças a respeito de certas restrições, práticas de resguardo e hábitos de purificação. Retornei em 2012 para iniciar o trabalho de campo do doutorado, que teve como objetivo central investigar continuidades, descontinuidades e inovações em processos de construção de pessoas (*mahsā*), clãs (*mahsā kurari*) e conhecimentos (*mahsāse*), tendo como pano de fundo as transformações da casa (OLIVEIRA, 2016). Não investiguei suficientemente questões de gênero, com exceção dos capítulos que compõem a parte sobre o modo como processos de atualização e transmissão de conhecimentos em fases marcadas do ciclo de vida da pessoa ocorrem na contemporaneidade. Mas, apesar de continuar e aprofundar meu diálogo com os homens e seus conhecimentos, decidi acompanhar as mulheres nos seus pesados afazeres diários, que giram em torno da produção da alimentação, e, também, gravar com elas entrevistas sobre transformações sociais. Inspirava-me em Christine Hugh-Jones que, já em 1979, demonstrava que aspectos cotidianos estão investidos de conotações cosmológicas, sendo que

[...] cada um dos mundos - o mundo ancestral e o presente de natureza cotidiana, regulam um ao outro”, havendo uma interdependência entre eles (idem, p. 1) e que “ ‘estrutura social’, ‘parentesco e matrimônio’, ‘ciclo vital’, ‘política’, ‘economia’, ‘religião’, estão inextricavelmente interrelacionados no comportamento concreto e real (HUGH-JONES, 1979, p. 1- 2, tradução minha).

Esse mergulho no cotidiano feminino exigiu em grande esforço de minha parte: acordar bem mais cedo para ir banhar no porto, observá-las ,ajudá-las e por muitas vezes atrapalhá-las em seus serviços fazendo tarefas infantis sob sua orientação – preparar mingau, acompanhá-las na roça, arrancar mandioca, carregá-las no *aturá*, lavá-las no igarapé, voltar a casa/cozinha para ralar mandioca e espremer, carregar lenha, carregar água. Além de me levar à exaustão, essas atividades me deixaram mais atenta a diversos estímulos sensoriais – temperaturas, odores, cores, formas, texturas, barulhos, sabores. Essa experiência de conhecimento se diferenciava daquela com a qual eu estava acostumada a desenvolver junto aos homens, que era baseada em palavras muito mais ouvidas que faladas. Apesar de poder participar como mulher de certas conversas masculinas sobre conhecimentos importantes, eu nem ousava tentar acompanhá-los em atividades como caça e pesca. E, das vezes em que tentei me aproximar, quando um homem estava elaborando artefatos – de pesca ou de cozinha –, fui veemente repelida, pois minha presença, feminina, poderia interferir no resultado do trabalho.

Enquanto homens maduros – acostumados com suas conversas masculinas noturnas e ainda mais acostumados a serem abordados por antropólogos e antropólogas para registro de seu conhecimento – me respondiam com uma certa naturalidade ao serem solicitados para uma conversa ou entrevista, mulheres adultas pareciam se esquivar. Mais do que em uma ocasião, mulheres me responderam que só conversariam comigo sobre certos assuntos de pesquisa se pudessem prosseguir nos seus trabalhos: fiar tucum, pintar cuias, ralar mandioca. Pareciam por um lado não se sentir legítimas para contar dos assuntos que supunham que eu abordaria e, por outro, não querer abrir mão de suas tarefas diárias imprescindíveis para a economia de suas famílias. As mulheres bem mais velhas encaravam com maior tranquilidade a proposta de serem entrevistadas, elas tinham menos afazeres e pareciam se sentir mais legítimas para contar histórias.

Na minha pesquisa de pós-doutorado, decidi explorar a articulação entre a construção de pessoas, atribuição de nomes, constituição de gênero e produção de conhecimentos entre grupos Tukano Orientais do médio rio Tiquié, TI Alto Rio Negro. Grande parte da produção da pessoa e do modo de ser Tukano passa pela continuidade de processos de transmissão de conhecimento femininos – como a culinária. Mesmo com a desintegração das malocas e com todas as transformações sociais pelas quais esses povos passaram nos últimos séculos, a base desse saber continua sendo transmitida de geração a geração através de um trabalho cotidiano nas roças e casas-cozinhas e no investimento xamânico na composição de mulheres aptas a desenvolver esses *saberes*. Nessa sociedade patrilinear, onde ritos de iniciação masculina com flauta jurupari, cuja visão é vetada às mulheres, foram de modo geral *abandonados*, a primeira menstruação continua a ser considerada de fundamental importância, cercada de *cuidados* e de *vigilância*.

Nesta crônica revisito fragmentos de experiências vivenciadas ao longo de quinze anos de trabalho, pesquisa e amizade entre mulheres Tukano, Desana, Yeba, Tuyuka, Siriana, Bará e Tariano moradoras dos trechos médio e alto do rio Tiquié, um afluente do rio Uaupés, localizado na Terra Indígena, Alto rio Negro, Noroeste Amazônico, buscando apresentar de forma livre, não linear e quiçá indireta, parte do que aprendi e como aprendi os conhecimentos que estas mulheres me mostraram sobre a vida e a morte.

A mulher- estrela

A última vez em que vi minha amiga foi nos idos de 2010, quando parei para me despedir das pessoas da comunidade de Pirõ Sekarõ, médio rio Tiquié, avisando que me afastaria da minha função de assessora de escolas e projetos das associações por que iria fazer o doutorado, mas que voltaria em dois anos para fazer o trabalho de campo. Ela posou para uma foto, linda como sempre e ainda mais radiante. Estava feliz e queríamos registrar o momento, pois após passar por experiências traumatizantes – ela perdera por duas vezes filhos durante ou logo depois do trabalho de parto – tinha finalmente

conseguido engravidar de novo. Ostentava uma bela barriga arredondada, coberta por um vistoso vestidinho azul, seu costumeiro sorriso e seus olhos negros brilhantes.

Era uma jovem mulher do povo Siriano, vinda junto de sua família (seu pai era Siriana, e a mãe Tukano), de uma região da Colômbia, muito em função da situação complicada vivenciada com a presença das FARC (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia) em territórios indígenas. Ali havia casado com um professor Tukano da Escola Tukano Yupuri e seu pai morava num sítio ao lado e contribuía com o genro e seus familiares, para o desenvolvimento de atividades de fortalecimento cultural, ensinando Kahpiwaya⁶, a “dança dos antigos”. Durante os dias de festa, chamava automaticamente a nossa atenção, pois era a mulher que apresentava o rosto mais belamente pintado com lindos motivos de tinta vermelha de carajuru⁷, além de ter uma desinibição singular e um timbre ideal para cantar o canto feminino de *hadekũ*.

Sendo de certa forma a mais *outsider* das outras mulheres que lá habitavam, me acolheu com uma sensibilidade ímpar. Ela era estritamente generosa. Cada vez que preparava uma comida que considerava a mais gostosa- carne de paca com um delicioso molho de ervas, por exemplo - me chamava na cozinha que compartilhava com a sogra, para comer. Durante as noites, quando eu me sentia sozinha, na casa de apoio onde eu morava, com meu amigo e fiel escudeiro, o prático Julião, ela chegava para nos visitar. Comíamos pipoca e conversávamos sobre tudo. Ela me perguntava sobre minha vida, minha família, minhas aventuras e desventuras amorosas. Eu arriscava tocar o violão e cantávamos juntas. Como eu me interessava em falar sua terceira língua, o espanhol, com ela, aprendi a cantar *Duerme Negrito*, canção de ninar popular na América Latina – típica canção negra referente ao trabalho escravizado nas fazendas – comum na fronteira entre Colômbia e Venezuela, compilada por Atahualpa Yupanque e imortalizada na voz de Mercedes Sosa.

Era uma mulher muito vaidosa e um modelo em relação à importância dos cuidados com o corpo que existem entre essas mulheres. Sempre muito bem banhada desde cedo e com os longos cabelos negros sedosos tratados, levava a sério a máxima entre as mulheres Tukano de que existe: roupa de trabalho (para usar na roça), roupa para ir à aula, roupa para ir à missa, roupa para ir à festa. Na medida em que essas roupas eram trocadas, diferentes aspectos da sua pessoa eram revelados. Um dia ela me surpreendeu quando, em meio a risadas, puxou um furo em meu vestido de antropóloga *hippie* da floresta, rasgando

⁶ Gênero musical marcado pelos cantos/danças masculinos cuja variação, expressa em seus nomes, está relacionada ao momento do calendário ecológico-econômico- ritual em que se são executados. A linguagem dos cantos, incompreensível, remete a tempos ancestrais. A participação feminina neste canto/dança é pontual: acompanham os homens nas danças em momentos bem específicos. Há uma mulher, chamada de *yuhngo*, que localizada no centro da roda de kahpiwaia, emite um canto solo peculiar também em momento específico.

⁷ Pigmento vermelho utilizado na pintura facial e corporal, produzido a partir de processamento de folha homônima (*A.Chica*)

– o completamente, e me disse ralhando: “sei que você usa roupas bonitas na cidade, porque anda desse jeito aqui?”. Entendi então como meu jeito desleixado em campo era uma ofensa. Não bastava acordar cedo e banhar para mostrar que era limpa e não contaminar com meus fluidos e odores a comida que era oferecida na maloca. Eu tinha que me vestir de acordo com minha função: eu era a antropóloga e assessora Melissa. “Tamanha assessora!”, como diziam as mulheres quando queriam me repreender por algo. Daquela viagem em diante meu “guarda-roupa” de campo nunca mais seria o mesmo: para além de vestidinhos leves para usar no dia a dia e alguns acessórios para festas, eu passei a levar roupas adequadas para reuniões ou missas e variar o modelo havaiana com algumas sandálias de plástico mais bem elaboradas. Bela e ousada!

Foi também com ela que tive coragem de empreender minhas primeiras aventuras de canoagem, ela me ensinou a equilibrar o corpo nas estreitas canoas feitas a partir do tronco de uma só árvore e a remar atentando às suas ordens e ensinamentos sobre os movimentos adequados a se fazer para não atrapalhar a viagem. Na primeira vez, lembro que dois botos nos acompanharam, sinal de sexo e fertilidade, ela me explicou.

Eu estava em Florianópolis, um ano depois de vê-la pela última vez, quando recebi por internet a notícia de que minha querida amiga havia tirado a própria vida, alguns meses depois de ter sofrido pela terceira vez um parto mal sucedido. Essa notícia me acertou como uma flecha, chorei um lago ou um rio. Anos depois, durante meu trabalho de campo reencontrei seus pais. Lamentei sua morte, eles me contaram detalhes e, ao mesmo tempo me consolaram: era necessário esquecer, superar a tristeza e prosseguir com a vida. *Duerme negrita junto a sus negritos. Agora, cantas e brilhas no céu. Tornou-se estrela.*

Yu babara numiri – minhas companheiras/amigas mulheres

Esta é uma das únicas expressões na língua Barasana que guardo até hoje entre as que aprendi durante uma viagem que realizei pelos idos de 2008 para o rio Para-Paraná, afluente do Apapóris, Colômbia. Estávamos em um grupo de umas tantas mulheres, algumas solteiras e outras casadas, sob escolta de José Ramos, Tuyuka, que foi escolhido como nosso “vigia”, aquele que abria nosso caminho e cuidaria de nós. Foi a primeira vez que “aventurei”, fui companheira de viagem e de experiências dessas mulheres indígenas, compartilhando suas descobertas, em lugares que mesmo elas, só conheciam de ouvir falar: comunidades de “maloqueros”, onde as famílias ainda compartilhavam malocas, onde existiam casais que eram grandes donos/chefes de maloca e casais compostos por um homem e várias mulheres. Comentava-se no Tiquié que os grupos do Pirá Paraná ainda realizavam ciclo ritual anual de cerimônias, iniciação masculina, tinham grandes cantoras, grandes xamãs, cantores/dançarinos e pajés. Diziam que era um lugar onde cada comida a ser consumida tinha que ser xamanizada antes. E onde as gerações atuais estavam desenvolvendo uma pesquisa de registro sobre cuidados femininos na primeira menstruação. Penso que muito do que aprendi com essas mulheres se deu pela condição de

vulnerabilidade a que me expus para conhecê-las melhor. Eu era bem jovem e apaixonada. Mesmo sabendo que realizaria uma viagem com longas caminhadas, não incluí nenhum vestuário especial nem equipamento de proteção na minha mala. Edi, minha amiga Tukano, foi a primeira a estranhar e fez questão de arrumar uma bota de soldado para eu realizar a viagem. Assim fui.

Viajamos de voadeira até a cabeceira do rio Tiquié, em seu lado colombiano, enfrentamos dois dias de varadouro, pernoitando em Timiña, para chegarmos até o caño Colorado, um afluente do rio Pirá Paraná, imortalizado na literatura antropológica pelas obras do casal Stephen e Christine Hugh-Jones, para de lá seguir até a *comunidad* San Miguel.

Como era diferente viajar com as mulheres. Parávamos com frequência e a comida era uma preocupação constante. Nossa primeira parada foi bem na fronteira com a Colômbia na *comunidad* de *Trinidad del Tiquié*. Tivemos a sorte de chegar bem numa noite em que estavam festejando o aniversário de um jovem no centro comunitário ao som na caixa e muito caxiri. Lembro que tive a honra de ser escolhida a bailar a primeira dança com o aniversariante, após incentivo de minhas animadas companheiras. No dia seguinte enquanto nosso vigia queria seguir, as mulheres inventaram de parar na casa de uma conhecida, muitas, inclusive eu, na esperança de conseguir um pouquinho de *quinhampira* e beiju – para animar a viagem. Para desespero de todas, a casa estava vazia, a dona havia ido à roça. Ali realizamos uma travessura – abrimos a panela e nos alimentamos – deixando alguma farinha como troco.

Seguindo viagem, após alcançar a cabeceira, caminhamos algumas horas e chegamos em Timiña. As mulheres de lá nos apontaram onde banhar, onde urinar, ofereceram comida. Era noite. Atamos nossas redes no lugar indicado. Lembro que as mulheres conversaram por horas a fio, noite adentro e que dormi ao som de sua conversa. Pela manhã, nossas amigas bateram nas nossas canelas com um tipo de planta que havia sido xamanizada e que tem uma aparência semelhante a uma cobra, que consideram um método específico para proteção contra mordida de cobra, comumente utilizada em longas caminhadas. Com toda a recepção e esse procedimento, elas estavam reforçando seus laços de parentesco e/ou amizade com algumas das mulheres presentes e demonstrando carinho e cuidado a todas nós.

Sempre com “merenda” em suas sacolinhas, as meninas Tuyuka me desafiavam pedindo que comesse mochivas⁸, iguaria que definia o apelido dos Tuyuka para os Tukano e demarcava uma diferença culinária. Para ofensa delas, após cumprir o propósito de experimentar, eu me dava regularmente o direito de rejeitar. Sabendo do meu desespero elas se regozijavam, soltando altas gargalhadas, quando jogavam mochivas vivas em mim.

Ao longo da caminhada, as mulheres eram sérias, silenciosas e rápidas, etiqueta a ser adotada à risca, pois estávamos na densa floresta, adentrando em territórios habitados

⁸ Larvas comestíveis de palmeira.

por outros seres, e que tinham seus próprios Donos e Donas. Eu acompanhava razoavelmente, mas muitas vezes escorregava tentando passar, com as botas de soldado emprestadas, pelos troncos de árvore dispostos no chão em lugares encharcados. A verdade é que, atuando em meio aos Tukano, povos do rio (e da roça), eu tinha (e continuo tendo) pouca experiência em realizar longas caminhadas na exuberante floresta amazônica, tão diferente das habituais trilhas realizadas na delicada Mata Atlântica. E o fato é que, a pouco de tempo de chegar em Villa Nueva, primeira comunidade no Caño Colorado, eu escorreguei e torci o tornozelo. Meu amigo, nosso vigia José, me providenciou um “cajado” e foi assim, parecendo uma velhinha, que finalizei o caminho.

Chegando na comunidade fomos recebidas como manda a etiqueta: lugar adequado para banhar, oferecimento de alimento e alojamento nos devidos lugares na maloca. Contudo, revelei a minhas amigas Tuyuka que tinha acabado de ficar menstruada. Em pouco tempo outras mulheres ficaram sabendo e contaram para a dona da maloca. Ela pediu a seu marido que providenciasse carajuru xamanizado, utilizado para proteção de mulheres nessa condição, e orientou que eu teria que ficar na rede, resguardada. Minha menstruação foi a explicação para meu azar na viagem.

Como mulher menstruada que atrai a atenção e o ataque de seres naturais e sobrenaturais - que podem levar não apenas ela mesma, mas doenças -, me permitiram viajar no dia seguinte, mas não pude seguir pelo varadouro com a maior parte das mulheres. Fui colocada em uma canoa apenas com mulheres que não menstruam – velhas e uma grávida – para seguir via igarapé, até o destino. Remamos com remos e havaianas por oito horas. Achava que sabia remar, não sabia. É certo que devo ter atrapalhado a viagem. Conheci um lindo igarapé, estava orgulhosa porque naquele momento julguei ter ajudado a remar, desenvolvi calos.

Chegamos em San Miguel e fomos bem recebidas, vimos que nesta grande comunidade havia uma ampla e bela maloca, mas também casas de alvenaria, quadra de futebol, radiofonia, posto de saúde e escola. As moças Tuyuka gravaram as moças Barasana, Bará, Makuna e Tatuyo, apresentando os resultados de suas *investigaciones*. As moças do Pirá mostraram-nos os materiais que haviam produzido sobre os cuidados que as moças devem ter na primeira menstruação. As mulheres do Tiquié perceberam que estes cuidados eram muito parecidos com aqueles que já foram e em parte ainda eram praticados nas comunidades do rio Tiquié. Os xamãs de lá compartilhavam a mesma preocupação dos de “cá” – que as moças lhes escondessem a menstruação, impedindo que os ritos adequados fossem realizados: separação da moça em um local para que cumpra resguardo que incluiria uma dieta adequada; aspiração de pimenta; prática de fiação de tucum; evitação de andar por aí e caminhar sob a luz do sol/lua; xamanismo de proteção; composição do corpo da mulher por parte do avô/pai ou outro homem do grupo paterno; a pintura de seu corpo com tinta preta *wee*⁹; e corte de seu cabelo rente à cabeça por parte de sua mãe ou de uma

⁹ Tintura preta utilizada para pintura corporal, feita a partir de planta chamada popularmente de jenipapo.

mulher que seria considerada a partir de então uma espécie de “madrinha”. Era a primeira vez que eu ouvia falar desses procedimentos com detalhes.

Mulheres, mas também um homem do Pirá, cantaram canto feminino *hadekw*¹⁰ – de cumprimento e boas-vindas para as mulheres do Tiquié. Fizeram uma festa com muita comida, algum caxiri (bem menos do que é o costume no rio Tiquié) e muitas variações de música/dança¹¹ ao som de flauta *cariço*. Distribuíram para cada um dos participantes, além de substâncias xamanizadas – *ipadu* e cera de abelha –, um pedaço enorme de beiju. As mulheres de cá estranharam quando as mulheres de lá também consumiam o *ipadu* “tal como homens velhos”. Dançamos muito, bebemos na medida. As mulheres do Tiquié repararam que o caxiri era adoçado com rapadura e lembraram-se da época do garimpo em que compravam rapadura dos comerciantes colombianos para adoçar seu caxiri e daí dizem, surgiu o costume de consumir caxiri doce, hoje preparado com sacos de açúcar refinado.

Acompanhei tudo isso com o tornozelo enfaixado e, na hora de voltar, o baya (especialista ritual de canto/dança), Pacho, morador do Caño Colorado, me ofereceu carona na sua voadeira, junto de sua esposa e outras mulheres vindas dos rios Pirá e Tiquié. Dessa maneira eu não precisaria encarar um longo varadouro. Mas a viagem de volta era contra a corrente – subida do *caño* Colorado – e o igarapé havia secado muito nestes dias. Resumindo: o retorno que deveria durar umas 12 horas durou três dias. Lembro de ficarmos constantemente encharcadas – pois, vira e mexe, tínhamos que descer da voadeira para empurrá-la, possibilitando sua passagem em locais secos. Tínhamos pouca comida, quase nada. Assim, as mulheres Barasana queriam a todo tempo parar para pescar e comer pequenos camarões quase transparentes.

Finalmente chegamos à comunidade Villa Nueva e de lá seguimos para Timiña onde nossas companheiras mulheres e nosso “vigia” nos esperavam preocupados, sem saber bem o que tinha acontecido. De lá seguimos para o Tiquié, com muitas histórias para contar. Na casa de apoio em São Pedro, ouvi uns barulhos estranhos. Uma mulher finalmente nos revelou que escondia em sua mala um pequeno cachorrinho, que havia ganhado de uma amiga em uma das comunidades em que passamos. As moças Tuyuka e Tukano registraram suas impressões em um diário ao longo de toda viagem e depois produziram um jornal bilíngue com as notícias dessa experiência única de viagem de intercâmbio, em que um grande grupo de mulheres do Tiquié visitou um grupo de mulheres no Pirá Paraná.

¹⁰ Gênero musical caracterizado pelo canto solo feminino de improvisação, efetivado de mulheres para mulheres ou para homens, carregado de afetividade e referências biográficas. (Para mais detalhes ver Piedade, 1997 e Chernela, 2003)

¹¹ O gênero musical Cariço abriga uma variedade de composições às quais correspondem diferentes coreografias.

Comendo como gente¹²

Em junho de 2015, o antropólogo Paulo Maia, meu amigo desde os tempos em que o recebi no ISA após chegar de sua experiência de ritual de iniciação masculina durante o trabalho de campo entre os Baré, me chamou para participar do seminário “Comendo Como Gente: Práticas de conhecimento indígena sobre alimentação e Comensalidade”: um encontro de antropologia e educação”. Nessa ocasião convidei duas moças Tuyuka – Dulce Tenório e Lenilza Ramos, que eu não via há alguns anos – para apresentarmos juntas uma fala sobre conhecimentos femininos, a partir da nossa experiência conjunta na linha de pesquisa chamada *Numiã Padere* com a qual colaborei por alguns anos como assessora do ensino médio Tuyuka.

Quando cheguei pela primeira vez nas comunidades do Rio Tiquié, em 2005, trabalhei primeiramente nas comunidades Tukano do médio Tiquié, onde fui recebida e me hospedava na casa de Dona Dionélia, Desana e sua filha Eli. Dio me tratava como uma filha e Eli me ensinava a língua Tukano e me inseria de modo geral na vida da comunidade, seu cotidiano e festas. A situação no alto Tiquié foi um pouco diferente. Quando comecei a trabalhar com os Tuyuka, eu estava à sombra da saída recente de uma grande antropóloga, que veio a se tornar uma amiga, Flora Cabalzar, que, junto a seu esposo, o antropólogo Aloisio Cabalzar, havia apoiado famílias tuyuka na implementação da Escola Utapinozona, no fortalecimento da língua Tuyuka, que desde a chegada dos missionários vinha desaparecendo perante a institucionalização do Tukano como língua de comunicação, e muitas outras ações relativas ao fortalecimento dos conhecimentos Tuyuka. Algumas lideranças e professores da associação indígena Utapinozona Tuyuka – quase todos homens – me receberam com simpatia na escola e nas comunidades. Ainda me lembro do olhar atento e sagaz de Higino Tuyuka, no primeiro dia em que, após três dias de viagem e muitas cachoeiras, cheguei na paradisíaca São Pedro. Higino foi acolhedor e desafiador ao mesmo tempo, um verdadeiro mediador entre dois mundos, com sua inteligência ímpar e grande coração me instigava todos os dias até a noite, a dar o meu melhor, já que havia chegado até ali e mostrava interesse em permanecer.

No começo foi muito difícil a aproximação das mulheres Tukano e Yeba que ali residiam. Elas me observavam e me testavam a cada momento, procedimento que, hoje bem sei, é comum a ser adotado com qualquer pessoa que chegue de fora, sobretudo com suas noras vindas de outras comunidades. As moças Tuyuka, no entanto, se mostravam mais abertas e me visitavam frequentemente na casa de apoio, me levavam frutas, conversávamos, me ensinavam algumas palavras em Tuyuka. Elas também me observavam, testavam e desafiavam constantemente, isso faz parte do processo de conhecimento entre os grupos Tukano. Vigiam-me para ver se eu acordaria cedo, banharia em um igarapé, paradisíaco, mas de água fria, carregaria água, manteria minhas

¹² Nome do seminário promovido pela OEEI – UFMG (Observatório da Educação escolar indígena) em 2015, que faz referência direta e homenageia o livro da antropóloga Aparecida Vilaça (1992) *Comendo como gente: formas do canibalismo Wari*.

roupas limpas, comeria como primeira refeição do dia a super apimentada *quinhampira*¹³ na maloca. Se de dia até a noite Higino me desafiava a conversar como uma assessora e antropóloga, durante os momentos vagos Dulce me advertia: “Melissa, a roça é a nossa escola. Se você quer aprender tem que vir com a gente”. Foi com a companhia e sob supervisão dela e de sua irmã que realizei pela primeira vez o serviço completo: ir à roça, arrancar mato, arrancar mandioca, lavar no igarapé, raspar, ralar, processar no *tipiti*, imitando-as em seu movimento único que os homens tanto apreciam em suas mulheres, de subir e descer o corpo, meio que saltitando, enquanto movem as mãos intercalando-as. No dia seguinte, eu mal podia levantar da rede, todas as partes do meu corpo doíam.

Quando estavam na cidade as moças Tuyuka também me visitavam. Cedo da manhã, dia de semana, sábado, domingo. Não tinha dia, nem horário. Lembro que logo em uma primeira visita convidei Dulce e Maria Aparecida para irem ao restaurante, e orgulhosa de poder dar esse pequeno retorno às minhas caras anfitriãs, ofereci a sobremesa, doce de leite, que elas não gostaram, “muito doce”.

Na primeira linha de pesquisa só de mulheres, aprendi a ser orientadora – elas foram minhas primeiras orientandas: Dulce, Lucinéia, Aparecida, Lenilza – aberta a entender seus modos próprios de transmitir e circular conhecimentos, compartilhei alguns conhecimentos meus com elas: dicas de como fazer pesquisa, coletar e registrar conhecimentos; sobre o domínio de tecnologias; a respeito da transformação de material de pesquisa em material didático; e orientações sobre como organizar e coordenar uma oficina, papel que até então era fundamentalmente masculino.

Na medida em que moças e mulheres trocavam conhecimentos, elas também me ensinavam sobre suas vidas. Por exemplo, nas idas na roça para coletar ingredientes durante a oficina de culinária. No retorno de uma delas eu caí doente, tive febre e comecei a vomitar com frequência. Elas me disseram que eu tinha contraído uma doença da natureza, por não ter me protegido adequadamente (de fato, até aí meu corpo não havia sido preparado xamanicamente para isso), me mandaram repousar e chegaram com remédios e breu benzido por um xamã. Estavam assustadas e temerosas, pareciam acreditar, de modo dramático, que eu poderia vir a morrer ali, perto delas e longe dos meus. Ane Keila, uma mulher Desana que era funcionária da Secretaria de Educação de município e me acompanhava desconfiada, contactou o pessoal do Polo Base de Saúde e dias depois fui diagnosticada com malária. Ainda assim finalizei o trabalho. Foi uma estadia tensa: não conseguia me alimentar bem, nem dormir.

Durante esses encontros em que só mulheres eram permitidas de participar e preparavam diversos pratos – variedades de beiju, manicuera, maniçoba, besouros, formigas, cogumelos e mingaus de frutas da estação. As moças acompanhavam e registravam receitas. Os homens só entravam no final, quando eram chamados para participar de um banquete.

¹³ Caldo de pimenta e peixe.

Quando começamos a trabalhar cerâmica, acompanhei-as na retirada de argila em um igarapé distante, onde fomos orientadas por Higino Tuyuka de que tínhamos que fazer este procedimento com respeito e silêncio, e de que antigamente para se retirar argila, as mulheres pediam permissão a sua Dona. Se as especialistas – Amélia, uma mulher Tukano casada com um *baya* Tuyuka, e Oscarina, mulher Desana que depois vim a saber era neta de uma mulher Tuyuka do clã da comunidade que visitávamos e esperada como parente-eram aquelas que guiavam o grupo, aconselhando-as sobre e mostrando quais os modos adequados a se utilizar, na hora das práticas as moças se reuniam em pequenos grupos juntos de suas mães, cunhadas ou sogras. Foi lá que aprendi a modelar argila e preparei meu primeiro pote de cerâmica. Dedicamo-nos ao aprendizado das várias etapas de confecção de peças de cerâmica – desde o preparo da argila, a modelagem da peça, alisamento (feito com pedaços de cuia), polimento (que é realizado com as pedras amarelas chamadas em tuyuka *wateri peri*, e em tukano *watese pheri*, difíceis de encontrar e que são repassadas entre as mulheres de geração em geração), até a defumação, queima, pintura, nova defumação, nova queima e finalização. Muitas moças e mulheres nunca haviam trabalhado com argila, mas a maioria já tinha observado a mãe, avó ou sogra nestas atividades, e queriam aprender. Lucila, especialista Bará de uma comunidade próxima na Colômbia, orientou-nos sobre o processo detalhado de preparo da tinta vermelha de carajuru, desde a exposição ao sol das folhas de mesmo nome, cozimento, processamento, até a retirada de seis pedaços de pó concentrado deste pigmento vermelho. O processo todo levou cinco dias. Lembro bem da força das cores: o vermelho claro do fogo queimando as peças de cerâmica e o vermelho vivo, tal qual sangue, que saía quando o carajuru era processado e finalmente decantado aos moldes da goma de tapioca. E então aconteceu, a viagem ao Pirá Paraná.

Anos depois, quando reencontrei Dulce e Lenilza, para participar do *Seminário Comendo como gente*, fizemos “sucesso”, expressão cômica que sempre usávamos no rio Tiquié, retirada diretamente das músicas brega que costumávamos ouvir nas festas: elogiaram a profundidade da minha experiência etnográfica, admiraram a postura firme de Dulce e Lenilza – tanto no modo de falar como no conhecimento detalhado e a sensibilidade em que o transmitiram e que revelavam suas sabedorias próprias de mulheres Tuyuka, amazônicas, que se expressavam na sua 3ª língua, o português. Escutamos as falas de conhecedores indígenas e não indígenas, acadêmicos e não acadêmicos, sobre suas experiências. Com um público composto por pesquisadores indígenas, muitas mulheres reconheciam e faziam analogias entre aquilo que era apresentado e as práticas que viviam em seus próprios povos indígenas nas suas comunidades: comidas, bebidas, remédios, venenos, pinturas, artefatos – substâncias, práticas, objetos, conhecimentos, manipulados por mulheres. Circulamos, conhecemos pessoas, participamos de festas. As moças não gostaram muito do pinhão, mas amaram os morangos – quiseram tirar uma foto segurando-os para mostrarem depois aos parentes e amigos no Rio Negro. Elas se

“perderam” – ao ver a variedade de comidas, bebidas, artesanato, plantas e mesmo animais no Mercado Municipal de Belo Horizonte.

Durante um almoço em um restaurante da UFMG, após dias de conversa sobre como estavam nossas vidas no momento – eu em Florianópolis fazendo o doutorado, Lenilza trabalhando na cidade de São Gabriel e Dulce na comunidade do recém-esposo –, lembramos das nossas experiências de “pesquisa”, dos caminhos que trilhamos juntas, dos igarapés em que banhávamos, das festas rituais que aconteciam na maloca de São Pedro, onde nossos corpos eram pintados pelas mulheres. E entendemos que foi um tempo de experiências ricas e profundas que poderia nunca mais voltar, mas continuava vivo. Olhamo-nos, choramos juntas. Continuei a chorar compulsivamente por um bom tempo.

Lamento de morte

Em meados dos anos 2000, estava em uma viagem à comunidade Duhtura no igarapé Castanha, afluente do trecho médio do Tiquié, quando de repente ouvi um choro de uma mulher *Yebamahsō* irromper de dentro de uma das casas de paredes de casca de árvore. Logo soubemos a notícia que havia chegado via radiofonia: o velho Feliciano havia morrido na comunidade de *Botea purĩ bua*. Vicente, Tukano, coordenador da Escola Tukano Yupuri e meu grande amigo, havia me dito que não me acompanharia nessa viagem porque seu pai estava prestes a morrer e ele queria ficar do lado e ouvir seus conselhos.

Se o sofrimento com a morte é sentido por todos, cabe às mulheres Tukano, como entre outros grupos ameríndios, expressar de modo marcante a morte através de uma espécie de choro alto ritualizado. Anos mais tarde, em 2012, quando estávamos na iminência de subir o rio Tiquié para iniciar o trabalho de campo e reuniões com as comunidades, faleceu com poucas semanas de doença e de modo brusco, Mandu, o líder da associação do médio rio Tiquié, homem sereno, de fala mansa, inteligente e perspicaz. Essa notícia que recebemos ainda na cidade, abateu de um modo ou de outro a equipe ISA que atuava naquela região. Se eu havia sofrido e chorado sua morte quando recebi a notícia que tornou toda a viagem e o processo da exposição *Peixe & Gente*¹⁴ mais sensível e delicado, fui reprovada no que seria, do ponto de vista do Tukano (mas não do meu), a maior prova que poderia dar do grau de afeto com o finado, sua família nuclear e parentela. Quando a sua viúva, Renata, veio me visitar e chorar a morte do marido, não consegui chorar junto do jeito que deveria. Aloisio Cabalzar me falou: ela veio chorar com você. Naquele momento, me sentindo sob pressão, não chorei. Observei e escutei, no entanto, o sofrimento da viúva e seus filhos, a dificuldade em produzir alimento necessário para subsistência, a participação discreta nas refeições comunitárias, a não participação em festas com caxiri, a disputa em torno dos equipamentos da associação indígena que eram

¹⁴ A exposição foi produzida através de uma parceria entre o Museu da Amazônia, ISA e associações indígenas do rio Tiquié: Associação das Comunidades Indígenas do Médio Tiquié, a Associação Escola Indígena Tukano Yupuri e a Associação das Tribos Indígenas do Alto Rio Tiquié.

cuidados pelo finado esposo, seu desânimo em relação a própria vida. Os comentários posteriores sobre sua reputação e, ainda mais tarde, seu casamento com o irmão do finado.

Anos depois do episódio do choro, eu estava novamente em Pirarara Poço, quando ouvimos a notícia do retorno de Dona Isabel, que estaria retornando à comunidade depois de estar ausente por dois anos, período em que passou em Belém do Pará com sua filha Margarida, justamente para esquecer a tristeza que lhe acometera após a morte do marido, o finado xamã, Aprígio, que foi aquele que me atribuiu um nome Tukano e que eu carinhosamente chamava de vovô. Eu havia acompanhado Margarida durante os momentos que ela passou com seu pai, na CASAI em Manaus, durante o tratamento da doença que foi identificada como câncer de pulmão. Ele queria abacates, fazia referência a uma árvore que existiria em um local onde morou durante a infância. Eu lhe levava abacates, além de muitas outras frutas. Ele estava triste, eu lhe levei um rádio. Ela estava há meses longe de seu esposo e filho que moravam em Belém, acompanhando seu pai. Sequestrei Margarida algumas vezes e passeamos com ela pela cidade de Manaus, no centro, no porto, comemos peixe na beira, fofocávamos, ela me mostrava como nas ruas de Manaus existia em grande quantidade um tipo de puçanga¹⁵, que eu deveria colocar na boca antes de encontrar o homem desejado. Eu estava presente quando os médicos desenganaram Aprígio e orientaram Isabel a levar o velho para morrer em casa. Ele faleceu pouco tempo depois em São Gabriel da Cachoeira. Anos depois, era a primeira vez que eu encontrava Margarida. Era uma das poucas vezes que ela retornava ao Tiquié, de onde saiu ainda moça. Ela me mostrou lugares importantes para seu pai, onde estavam as árvores que ele plantara, o caminho da roça que ele costumava limpar para Isabel passar, a casa de dois andares construída no seu estilo. O igarapé onde ele a levava para pescar quando era menina. Ela me confessou que na ausência de um filho homem, ele lhe transmitiu vários conhecimentos da origem de seu clã, no leito de morte.

Se a chegada de Dona Isabel coincidia com um momento de alegria, pelo nascimento de sua bisneta, uma de suas primeiras ações, logo após cumprimentar os filhos, netos e bisnetos, foi realizar uma visita à viúva Renata. As duas e Margarida choraram juntas por um longo tempo, lamentando, por entre lágrimas e suspiros, a morte de Aprígio e de Mandu, mas também todas as mortes que haviam acometido os homens das comunidades nos últimos anos. Reclamando que para além dos motivos xamânicos, o alcoolismo e o uso exacerbado de tabaco, estavam tirando a vida de seus familiares. Choramos todas.

O choro – logo após a morte, e sempre que se encontra pela primeira vez o parente de um morto – é necessário para marcar e expressar o sofrimento, mas o esquecimento é fundamental para se continuar a viver. Assim, quando cheguei pela primeira vez para dormir na casa que também era compartilhada por Mandu, Celestino – filho de Aprígio e seu substituto nas funções xamânicas – me ofereceu um cigarro para esquecer ou afastar a

¹⁵ Diferentes tipos de plantas utilizadas para atrair o sexo oposto ou animais de pesca e caça.

tristeza pela morte de Mandu. Este foi, com efeito, um dos primeiros pedidos de Isabel ao retornar a casa em que morou com Aprígio, e que ainda não havia sido destruída, como seria mais aconselhável, enquanto a outra ainda estava em construção: ela pediu que seu filho Daniel lhe preparasse um cigarro para cortar a tristeza que estava imbuída nos esteios onde vovô costumava atar sua rede.

Mulheres da terra

Eu não tinha planejado ficar tanto tempo em Cunuri durante o trabalho de campo. Optei, talvez por indicação do capitão (líder político), em me instalar em uma pequena palhoça. Lá me sentia à vontade, atei minha rede, tinha uma mesa para escrever no diário de campo e uma bela vista do rio Tiquié. Essa comunidade, como tantas outras comunidades Tukano, fica localizada em uma posição mais elevada do relevo, estratégia para evitar que o rio as inunde em período de cheias. Porém, minha moradia solitária durou pouco tempo. A verdade é que minhas amigas Tukano do rio Tiquié nunca me deixaram dormir só em uma casa. No trabalho de campo do doutorado dormi sempre em casas de família. E nas poucas viagens que empreendi sozinha nos anos de membro do Programa Rio Negro uma moça se oferecia para pernoitar comigo. Diziam que quando a pessoa está só, ela fica mais suscetível a ataques de seres da natureza e da sobrenatureza (fantasmas). Quem seria eu, imersa naquela floresta, para discordar. Quando voltei sozinha para fazer o trabalho de campo de doutorado e residi nas casas de família, em dias de festa com caxiri, quando me retirava antes, não se demoravam em me indicar um lugar seguro para dormir, na residência de casais de idosos, por exemplo, para me proteger de ataques de outra ordem. É comum as mulheres se protegerem em situação de ameaça... Lembro-me de uma vez em que acolhemos na casa onde eu estava ficando uma mulher que veio se esconder do marido, que estava “bebendo cachaça e incomodando ela.” Conversamos por horas e ela só retornou para sua casa quando o movimento havia cessado: o marido havia “capotado”, estava dormindo.

Se em Cunuri eu estava até romantizando, pois vinha vivendo meus momentos de experiência etnográfica clássica, do tipo “da porta da minha barraca...”, tudo mudou quando numa manhã contei para Palmira, com a qual eu tinha trocado poucas palavras até então, o “sonho” que tinha tido na noite anterior. “Palmira, ontem à noite, não sei se estava acordada ou dormindo, mas ouvi uns sons de violão vindo ao longe de algum lugar. Quando me levantei para tentar identificar de onde vinha, não ouvi mais”. Palmira demonstrou um misto de espanto e preocupação. E me falou: “Ah Melissa... ontem a noite não tinha ninguém tocando violão... é certo que o que você ouviu foi a música do finado... pegue suas coisas, venha ficar com a gente”. Ela se referia a um jovem da comunidade que recentemente tinha tirado a sua vida com veneno, a exemplo de sua mãe. Mais uma das tristes histórias da onda de suicídios que assolou a cidade de São Gabriel da Cachoeira e “subiu os rios”, desde meados dos anos 2000. Geralmente uma porção da pessoa dos suicidas era vista ou ouvida visitando os lugares que frequentavam quando vivos, muitas

vezes em forma de animais ou insetos, mexendo nos objetos que costumavam utilizar, muitas vezes identificados apenas pelos sinais que deixavam. E, também, costumavam aparecer em sonho para seus companheiros, convidando-os para se juntarem a eles.

O fato é que esse episódio me abriu um novo universo na comunidade, pois fiquei alojada durante semanas na casa-cozinha de Palmira. É claro que acompanhei, antes e depois, o cotidiano das mulheres em suas roças e cozinhas: as meninas Tuyuka haviam me levado à roça pela primeira vez, Silvia Tukano me explicava as diferenças do jeito de trabalhar de cada mulher e como isso pode variar de acordo com o tipo de terra, Aparecida Tariano, me chamava a atenção sobre a importância de diferenciar remédios e venenos que podem estar muito próximos em uma roça, Anita Desana, acompanhada do esposo e xamã José, me mostrou como cada roça precisava ser protegida por tubérculos - a mãe da roça e outros - e por ação xamânica. Oscarina Desana explicou a mim, ao meu amigo e companheiro de muitas viagens, o agrônomo Pieter e aos Agente Indígenas de Manejo Ambiental do rio Tiquié, o nome de cada uma das variedades amarelas (lit. vermelhas) e brancas, tendo o cuidado de não revelar os nomes de alguns remédios. Com essas mulheres aprendi o jeito certo de retirar a mandioca de dentro da terra com uma delicadeza tal, de modo a não deixar nenhum pedaço para trás e a não quebrar as ramas que seria separadas para plantio, a como dispor as mandiocas no *aturá* de modo a equilibrar o peso, a colocar a alça do *aturá* na testa e levantar-me devagar e de modo ereto e então inclinar levemente a cabeça para baixo para cumprir os longos trajetos de volta a casa, a como lavar as mandiocas de modo adequado no igarapé, como manipular um facão para raspá-las, qual a postura adequada para ralá-las no ralo feito de madeira e coberto de pedrinhas de quartzo ou mesmo de latão, como tipicar e assim por diante. Mas a estadia na casa-cozinha de Palmira me obrigava a sair da minha zona de conforto e entrar mais diretamente no ritmo de vida dela. No que para mim seria o meio do sono – ainda madrugada – Palmira chegava e começava a fazer o fogo para preparar o mingau. Então eu levantava e me dispunha a acompanhá-la. Ela me vigiava: não fica tão perto do fogo, senão vai fumaça no seu rosto e arde os olhos” e me explicava: “está vendo a cor do caldo de manicuera¹⁶, as bolhas, o cheiro, isso indica que está pronta para beber”.

Durante tantos dias, ficamos só nós, mulheres, os homens haviam se deslocado para uma “praia” rio abaixo para pescar. Lembro-me bem do primeiro dia em que Palmira me apresentou a sua roça. No caminho de ida me mostrava as sementes de Japurá que estava guardando para secar. Mostrou-me a roça que seu filho ainda solteiro, porém mais velho, estava preparando. Antes de chegarmos a sua roça, passávamos por um lindo igarapé cujas águas tinham a tonalidade vermelha. Na volta, foram essas mesmas águas que Palmira usou para lavar as mandiocas, com uma técnica em que usava os próprios pés. Ela me disse que estava com vergonha de fazer isso na minha frente. Ajudei Palmira e contei como, antigamente, para produção de vinho, os italianos amassavam as uvas com os

¹⁶ Bebida feita a partir de sumo de mandioca fervido a tal ponto que anule a quantidade de cianeto de sua composição e se torne próprio para consumo.

próprios pés. Ela ouviu com interesse e sorriu. Palmira não gostava de ir até a palhoça ver televisão com a energia do gerador, como as outras mulheres, ela dizia que gostava de dormir cedo. Acompanhei seu ritmo.

Quando os homens retornaram da pescaria, foi só festa: peixes sendo moqueados em folha de bananeira, peixes salgando ao sol, para melhor conservação. Era tanto peixe que com certeza duraria semanas. No dia em que eu ia embora percebi que Palmira não estava no porto como de costume, para me ver partir. No entanto, na última hora, ela chegou com um embrulho – tinha separado farinha e peixe moqueado para mim. Agradei e me despedi- *wagowee* (estou indo) - e seguimos viagem. Fui chorando pelo caminho.

Alegria, alegria: festa, embriaguez e afeto

Foram tantas as festas, em variados lugares, com diferentes motivos e configurações, que parece impossível puxar na memória um só fio, uma só linha de pensamento, uma única imagem que sintetize o valor das festas para minhas amigas Tukano. E as minhas amigas eram/são especialistas em organizar uma boa festa. Com todos os cuidados necessários: “em dia de festa, recolha as roupas do varal, porque nunca sabemos quais as intenções de cada um dos convidados”. Aqui Silvia não se referia à possibilidade de roubo, mas sim de alguém jogar um feitiço nas roupas daqueles de quem tinham inveja e que intencionavam prejudicar.

Para as mulheres, festa é coisa séria: seja uma festa ritual ou um caxiri de comemoração de alguma data festiva, festas comuns até hoje em tantas, para não dizer todas, as comunidades do Alto Rio Negro. A festa começa no momento em que se decide que a comunidade vai abrigar uma festa, nas refeições comunitárias realizadas pela manhã nas malocas. Em dias comuns, mulheres costumam ralhar os homens neste momento, reclamando que são preguiçosos pois não estão indo coletar frutas no mato: “é por isso que não fazemos mais dabucuris em nossas comunidades”. Se tem previsão de festa, a depender da magnitude do evento, incitam-nos a ir pescar e caçar em maior quantidade, em lagos e caminhos afastados. Enquanto isso, se organizam para ir à roça, arrancar o tipo específico de mandioca para preparar o caxiri. Na volta da roça se reúnem mães e filhas ou concunhadas, para trabalhar no processamento da mandioca: lavar, descascar, ralar, espremer, tipicar, separar o caldo venenoso, preparar o beiju de caxiri. A manicuera tem que ser bem fervida, de outro modo, poderá causar dor de barriga nos participantes, e as mulheres visitantes vão comentar que o caxiri não está bem feito. Nunca me arrisquei de preparar meu caxiri, no entanto, como uma criança, ajudava em partes do processo. Aquilo que Oscarina dizia “Criança é assim, começa e depois para”, pode muito bem servir para mim. Adorava me juntar às outras mulheres para mastigar os pedaços de beiju e de macaxeira que seriam jogados na canoa de caxiri para promover a sua fermentação.

Nos dias que precederam a festa de formatura da Escola Tukano Yupuri, Silvia, moradora da comunidade que sedia a escola e sua filha, então formanda, praticamente não

dormiram, iam se revezando nas funções necessárias para produzir uma grande quantidade de caxiri. Os convites haviam sido lançados, as pessoas iriam participar da festa. Enquanto o caxiri ia fermentando na sua canoa, os homens voltaram e, nessa altura surgiu uma nova tarefa para as mulheres, preparar a comida para os visitantes: peixes, caça, grandes beijus, arroz, feijão, latas de conserva que compravam com renda da bolsa família. Enquanto isso a velha Dona Angela preparava cera de abelha e solicitava a seu marido Miguel que realizasse um benzimento de cigarro e breu para proteger os participantes da festa e para que tudo corresse bem. Geralmente, ao realizar o procedimento xamânico, o velho já saberia dizer se ocorreria, na festa, alteração (brigas).

A maloca precisava estar apresentável. Se necessário, dias antes faziam reposição dos feixes de caraná de telhado e as mulheres comporiam parte da expedição para retirada de caraná nos caranzais, distantes. Dias antes da festa, elas varreriam as malocas, confeririam se os bancos estavam adequados, arrancariam os matos dos seus arredores, assim como do porto de entrada da comunidade.

Mas não só a casa, os corpos femininos também teriam que ser adornados. Algumas mulheres poderiam preparar tinta preta *wee*, que traziam em suas panelinhas, para pintar nossos corpos. No alto Tiquié, as mulheres costumavam ter rolinhos de madeira de molongó¹⁷ esculpido de forma variada, como se fossem carimbos, de modo que bezuntados com *wee*, delineavam motivos bem elaborados ao percorrer nossas pernas e braços. As moças do Tiquié gostavam de, no final, lambuzar as mãos e os pés inteiros com tinta de jenipapo: agora vamos fazer luvinha e sapatinho, diziam... O passo seguinte era tomar banho, para que pouco a pouco a cor negra do *wee* se revelasse em nossos corpos. Assim como as mulheres do alto Tiquié, Luzcelina e também a mãe de Joana, “colombianas” que agora moravam no médio Tiquié, costumavam ter carajuru e então elas podiam pintar as suas faces e de suas amigas, com belos tons de vermelho, com palitinhos que levavam cera de abelha na ponta e que deslizavam com destreza e cuidado, sobre nossas faces quase fazendo cócegas; existiam variados motivos, específicos, para homens e para mulheres. Muitos deles foram transportados para os belos potes de cerâmica que as mulheres hoje produzem para venda. De banho bem tomado e com os cabelos penteados e cheirosos, as mulheres escolhiam suas melhores roupas para as festas, aquelas que iriam dançar *Kahpiwaya* (em caso de ritual), vestiriam saias ou vestidos.

A festa agora já estava começando. E uma parte importante dela é o aglomerado de mulheres e suas panelinhas de caxiri nos bancos em um dos lados das extremidades da maloca ou das palhoças. A festa começa de fato quando elas se colocam em fila e servem, uma depois da outra, fartas cuias para cada um dos convidados. Homens sentados de um lado, mulheres de outros, reunidos geralmente por geração, clã, laços de parentesco. Que depois irão pouco a pouco se misturar, conforme avance a festa e a embriaguez.

¹⁷ Molongó é uma árvore amazônica com madeira leve utilizada para fazer artesanato.

Elas me incitavam desde o começo a dançar o cariço, e foi assim que depois de muito tempo voltei a dançar. Aprendi, observando-as, a esperar pela minha vez de me juntar a um companheiro de dança nas rodas de cariço, onde homens faziam uma introdução com as flautas muitas vezes com puçangas presas em suas calças ou bermudas, seduzindo as mulheres a juntarem-se a eles. Aprendi a me deixar levar pelo companheiro, como reconheceu¹⁸ uma vez um dos meus pares e a inclinar o corpo e a cabeça levemente para a direita, a apertar forte a mão do cavalheiro que me agradasse, a pisar no chão de modo marcante, a me deixar ser lançada e girar e trocar de par na música/dança de “troca de mulheres”, abaixar por um momento a música/dança chamada “panela de *quinhampira*”. E foram tantos os ritmos e tantas danças que meus interlocutores diziam variar de acordo com os clãs¹⁹, e que eu, vagando de comunidade por comunidade, ao mesmo tempo em que podia perceber certa variação, via que muitas vezes se assemelhavam muito e ouvia fofocas acusatórias de que haviam sido “roubados” por músicos de um clã por outro.. Aprendi a perder a timidez e a dançar merengue mais juntinho e mexer o quadril, a dançar o Kuximawara. “Agora é hora da música dos velhos, do kuximawara”. Palmira me explicava que aquelas eram as músicas do “garimpo tempo”. Por vezes, mulheres mais velhas que não eram solicitadas para dançar com tanta frequência, formavam pares e dançavam de um jeito cômico, e volta e meia, me juntava a elas para descontrair e fugir um pouco dos convites frequentes dos cavalheiros. Arrisquei algumas poucas vezes dançar o Kahpiwaya, nas festas rituais. As velhas também gostavam que eu lhes oferecesse tabaco, e quando eu não tinha, era minha tarefa atravessar a maloca e conseguir com os homens. Fumávamos juntas.

Palmira me explicava que “Gilvan estava comemorando o mijo do filho dele”, ou seja, a festa e do caxiri feita logo depois que uma criança nasce, o “mijo da criança”. Oscarina me contava sobre como ela tinha apreendido a realizar um benzimento para tornar suas filhas mais atrativas, lindas como... (segredo!). Dionélia me explicava as dificuldades de sua vida de viúva que vivia na comunidade do ex-marido. Contava sobre um homem x que não tinha realizado o benzimento adequado de proteção da festa, ou teria ele mesmo soprado o caxiri para que as pessoas brigassem desse jeito. A mãe de Deolinda me contava que a sua filha tinha dois pretendentes de casamento, mas achava que iria escolher aquele que morava no Castanho e que, jovem ainda, já fazia parte de uma associação indígena. Outra mulher me apresentava a mulher Hupda que era quem fazia seus *aturas* que usava na roça. Isabel, apelidada de Sabera basebal (comilona me pedia

¹⁸ Apesar do Cariço ser um estilo de música instrumental, meus interlocutores costumavam dizer que além de um nome, cada composição tem uma letra subjacente que fica subentendida. O nome/letra alude a umtema que é revelado através da performance coreográfica.

¹⁹ Meus interlocutores costumavam dizer que cada clã tem o seu próprio tipo de “toque de Cariço”. Ao modo de outros modos de conhecimentos (mitos, xamanismo), estas composições/coreografias possuem uma certa base comum que apresenta variações de acordo com cada clã, as quais podem ser algumas vezes quase imperceptíveis para a audiência externa. Para detalhes mais apurados sobre o Cariço e musicalidade Tukano ver a dissertação de Piedade (1997) sobre etnomusicologia Yepa’ ma’sa.

bolachas, ‘dona... buracha’), Luzcelina explicava o uso das plantas x e y. Em meio a isso tudo, as mulheres improvisavam espontaneamente os cantos *hadek* cantando uma para a outra, enquanto trocavam cuias de caxiri para mim, quando me ofereciam cuia e pediam que eu bebesse tudo. Se eu não bebia, me chamavam “mimi”, nome em Tukano para o pequeno pássaro beija-flor. Uma velha me explicava que aquele tipo de dança que os alunos estavam dançando, o *Kahpiwaya*, ela só tinha visto há décadas, nas festas realizadas pelos seus pais. Era hora de treinar a língua, eu queria falar tukano, tuyuka e principalmente nas altas horas elas queriam muitas vezes falar português. Ofereciam-me seus filhos, perguntavam do meu namorado, riamos. Elas riam alto e marcadamente, pois assim como cabia a elas chorar ritualmente os mortos, a elas também cabia expressar de forma mais poderosa a alegria do modo de ser Tukano. Quando a embriaguez já se mostrava eu fazia do mesmo jeito para alegria das mulheres. Puxavam os homens e me apresentavam, como se eu já não os conhecesse, esclarecendo, porém, seus laços de parentesco.

Era meio da tarde, quando a bebida já estava começando a fazer efeito, e a festa já rolava desde a manhã, as moças me chamavam para comer beiju e *quinhampira* com elas em uma das casas, comentavam sobre como a mais nova recém- chegada na comunidade, nora de não sei quem, sobre como ela era devagar na roça ou como não se entrosava com as outras mulheres... Estava sendo testada... Voltávamos para maloca. Era noite escura, as mulheres do lado colombiano, alto Tiquié, sopravam quantidades generosas de rapé nas minhas narinas com um aplicador feito de osso de veado. Eu me reanimava e voltava a dançar o cariço. Saíamos em companhia para fazer xixi no mato... Urinar em grupo, por trás das plantas, era parte da festa... Fofocávamos, ríamos muito. Ouvíamos comentários, de quem havia circulado, nos contavam quem estava na rede de quem.

Era madrugada, meu corpo já estava exausto. Quando era *festa ritual* eu atava a rede na maloca e ficava só observando, quando a festa era só de diversão eu pegava a lanterna e voltava para casa. Eu não deveria ultrapassar os limites... Eu dormia em minha rede satisfeita e relaxada. O dia seguinte seria aquilo: ressaca, algumas pessoas circulando em algumas casas para tomar o *boo* (o resto do caxiri, lit. o que falta), fofocas sobre quem capotou na maloca, sobre quem foi com quem, se teve briga, porque e como, a moça x foi embora na canoa do moço x, não levou nada, vai ter casamento? Não, a avó mandou buscar de volta.

Como me advertia minha amiga a mulher-estrela, uma comunidade sem gente, sem visitas, é uma comunidade triste, morta.

Referências Bibliográficas

- ANDRELLO, Geraldo. (2006). *Cidade do Índio*. São Paulo: Editora. UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NUTI.
- BELAUNDE, Luisa Elvira. (2001). *Viviendo Bien: género y fertilidad entre los Airo-Pai de la Amazonia Peruana*. 1° ed. Lima: CAAAP,

- CABALZAR, Aloizio. (2008). *Filhos da Cobra de Pedra: Organização social e trajetórias tuyuka no rio Tiquié (noroeste amazônico)*. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Unesp/ISA.
- CABALZAR, Flora Freire Dias. (2010). *Até Manaus, até Bogotá: os Tuyuka vestem seus nomes como ornamentos*. Doutorado em Antropologia Social. São Paulo: PPGAS/USP, 2010.
- CHERNELLA, Janet. (2003). "Language, ideology and women's speech: talking community in the Northwest Amazon". *American Anthropologist*, vol.4, p.794-806.
- HUGH-JONES, Christine. (1979). *From the Milk River: spatial and temporal processes in the Northwest Amazonia*. Cambridge: Cambridge University Press.
- HUGH-JONES, Stephen. (1995). "Inside-out and back-to-front: the androgynous house in Northwest Amazonia". In: CARSTEN, Janet; HUGH-JONES, Stephen. *About the house: Lévi-Strauss and beyond*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Hugh-Jones, Stephen. (2009). *The fabricated body: objects and ancestors in NW Amazonia*. In: SANTOS GRANERO, F. (ed.). *The Occult Life of Things*. Tucson: University of Arizona Press.
- MAHECHA, Dany. (2004). *La formación de Masa Goro "personas verdaderas"*. Pautas de crianza entre los Macuna del Bajo Apaporis. Leticia: Universidad Nacional de Colombia.
- OLIVEIRA, Melissa. (2016). *Sobre casas, pessoas e conhecimentos: uma etnografia entre os Tukano Hausirõ e Ñahuri porã, do médio rio Tiquié, Alto rio Negro*. Tese de Doutorado em Antropologia Social. São Paulo: PPGAS-UFSC.
- PEREIRA, Rosilene Fonseca. (2013). *Criando gente no Alto Rio Negro: um olhar Waíkhana*. Dissertação de mestrado em Antropologia. Manaus: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFAM.
- PIEIDADE, Acácio Tadeu de C. (1997). *Música Yepã Masa: por uma antropologia da música no Alto Rio Negro*. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina

sobre a autora

Melissa Santana de Oliveira

Pesquisadora de Pós-doutorado no Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos. Visiting Fellow no Department of Anthropology, London School of Economics and Political Science. Bolsista Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

Recebido em 27/04/2020

Aceito para publicação em 03/07/2020